

VII

Conclusão

EM RESUMO, VIMOS NESTE ENSAIO QUE A IGREJA CATÓLICA latino-americana atravessa um momento revolucionário, através do qual se processa seu descomprometimento com a ordem estabelecida. Os sintomas dessa revolução são inúmeros. Revelam, claramente, que não só no clero, inclusive na hierarquia, mas principalmente entre os leigos, esta transformação política da Igreja tem um definido sentido de protesto, de radicalização política em direção às posições de esquerda. Neste processo, as posições dos diversos grupos católicos abrem-se em leque, indo desde as posições reformistas, caracterizadas inclusive por uma visão utópica e idealista do mundo, até posições revolucionárias radicais prescrevendo o atingimento de uma sociedade socialista na América Latina, através da luta armada.

Esse processo de mudança do papel político da Igreja é revolucionário na medida em que a Igreja foi, durante séculos, um dos sustentáculos da ordem estabelecida. Na verdade, vista de uma perspectiva histórica, a Igreja Católica, durante um largo período da história universal, confundia-se com a própria ordem estabelecida. Sofreu os primeiros reveses com o racionalismo renascentista, o advento das monarquias absolutas e do protestantismo. Passou, então, a fazer parte do sistema de poder, sem se constituir no próprio poder. Com a emergência da burguesia e o surgimento do capitalismo industrial, a Igreja sofreu mais um rude golpe. Depois de duramente

combatida pela nova ordem, acabou sendo aceita, agora, porém, como mera força auxiliar. Aos poucos, porém, o papel da Igreja de sacralizar a ordem estabelecida, dando maior coercitividade às suas normas e instituições sociais, foi perdendo importância. Isto acontecia em virtude da crescente racionalização e burocratização do Estado nas sociedades industriais, que foram construindo seus próprios sistemas de poder, independentemente de um processo de sacralização.

Visto o mesmo problema sob um outro ângulo, podemos afirmar que a Igreja, organização excessivamente comprometida com um sistema de valores e crenças tradicionais, não conseguia adaptar-se ao advento do mundo moderno. Pelo contrário, opunha-se a esse mundo moderno, fruto do desenvolvimento tecnológico e científico, da industrialização e da urbanização, com todas as suas forças. Perdia assim sua função social e entrava em crise.

Surge, então, dentro da Igreja, um processo de renovação que ganha ímpeto, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial. A Igreja busca, então, reconciliar-se com o mundo moderno. Um grande esforço de teólogos, entre os quais se salienta Teilhard de Chardin, de padres e leigos é então realizado, em todos os setores, para renovar a Igreja. Esse esforço é coroado com o surgimento de João XXIII e a realização do Concílio Vaticano II.

Este processo de renovação da Igreja, originado na Europa, está naturalmente na base da revolução política do catolicismo na América Latina. Entretanto, se quisermos buscar as causas da revolução na Igreja da América Latina e mesmo da revolução que atinge a Igreja em todo o mundo, revolução que muitos têm chamado de crise pós-conciliar da Igreja Católica, devemos voltar ao exame das modificações de ordem histórica do papel social da Igreja Católica.

Verificamos, então, que existe uma causa geral para essa revolução na Igreja. Referimo-nos ao que chamamos de «fim da Cristandade». Realmente, o grande fato novo que mudou a história da Igreja foi aquele processo de racionalização e burocratização do Estado moderno,

o processo de tecnoburocratização, o qual foi tornando cada vez mais dispensável a função de sacralização da ordem estabelecida. Na medida em que isto ocorria, a aliança da Igreja com o sistema de poder vigente de caráter capitalista ou tecnoburocrático tornava-se cada vez mais artificial e sem sentido. Este fato foi percebido antes pelo próprio sistema, antes pela própria sociedade civil do que pela Igreja. Passou então a ocorrer o que chamamos de deserção das elites. As elites dominantes passaram cada vez mais claramente a abandonar a Igreja e a marginalizá-la. O processo foi se agravando, mas a Igreja, ainda apegada a alguns velhos privilégios, não percebia a mudança social ocorrida, a qual a marginalizara. A antiga aliança entre a Igreja e a ordem estabelecida perdera suas bases, mas continuava a subsistir em virtude da lei da inércia.

Entretanto, depois da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, depois do Concílio, a Igreja começou a perceber a falta de base dessa aliança. Por outro lado, especialmente na América Latina, constatou, dramaticamente, dois fatos: de um lado, a miséria, a injustiça e a desigualdade social imperantes, que negavam frontalmente todos os preceitos evangélicos; de outro lado, percebeu que, depois da deserção das elites, agora uma outra deserção, ainda mais grave, a ameaçava: a deserção das massas populares que, na América Latina, se viam atraídas de maneira crescente por outras religiões mais capazes de atender à sua necessidade de ajustamento à sociedade industrial e urbana que vai se definindo nessa região, particularmente pelo pentecostalismo protestante e pelas religiões mediúnicas.

Nestes termos, em fins dos anos sessenta, a Igreja em todo mundo e, particularmente, na América Latina, mais do que uma Igreja em crise, era uma Igreja em revolução. Esta revolução atingia todos os seus setores: era uma revolução teológica, moral, litúrgica, pastoral e, também, uma revolução política. Neste ensaio, foi este último aspecto que nos preocupou. Quais as conseqüências dessa revolução é difícil de prever. O que é certo

é que, juntamente com a revolução estudantil, que examinamos na segunda parte deste trabalho, a revolução da Igreja é um dos acontecimentos políticos fundamentais do nosso tempo.